

## KÓSMOS



Entre os meus colegas de ano, nenhum havia mais fanático pelas disseções anatomicas do que o Gustavo Rebouças, o Gustavinho, como o chamavam. Passava dias inteiros encerrado no anfiteatro da Escola, escalpelo em punho, avental branco á cinta, mangas arregaçadas, frasco de formol ao lado, a retalhar tecidos, dissecar musculos e arterias, no gozo macabro de revolver cadaveres para conhecer os detalhes mais intimos do organismo. Verificar os misterios do corpo, já revelados por outros, já reproduzidos por muitos em admiraveis estampas, era o prazer esquisito do laborioso estudante. Habitou-se tanto ao sinistro officio que adquiriu uma habilidade pasmosa, de que se ufanava com orgulho.

Era em vão que um pequeno grupo de rapazes, estudantes, como elle, mas guiados por uma sciencia nova, lhe procuravam convencer e persuadir da imoralidade dessas praticas, só excepcionalmente justificadas. Respondia-lhes que eram uns teoricos, uns sonhadores; conheciam palavras, mas não sabiam das cousas. Isto de estudar anatomia por livros, lendo tratados ou contemplando mapas, é querer descobrir estrelas sem olhar para o céu. E' uma verdadeira utopia.

Para firmar ainda mais o valor da sua opinião, apelava para autores de nomeada academica, advogados intransigentes das disseções. Atacava os positivistas, que queriam, dizia elle com enfase, reproduzir os tempos de obscurantismo da idade média; queriam fazer com os anatomistas de hoje o que os catholicos fizeram com os anatomistas de hontem, principalmente com o imortal fundador da anatomia moderna, o grande André Vésale!

E o Gustavinho, nesse tom, ao mesmo tempo ardoroso e dogmatico, cercado de colegas que o aplaudiam com fragor, ia levando de vencida os poucos que lhe contrariavam as funestas convicções. O numero derrotava o altruismo e a razão. Breve irrompia a chalaça grosseira, a malícia obsena, e os companheiros de Gustavo, exaltando-o sempre, apupavam-lhe os raros antagonistas, vencidos enfim pela força numerica. A discussão acabava pela vitória aparente dos gritadores. O Gustavinho sorria triunfante e con-

tinuava a dissecar, cada vez mais concentrado e mais perito no seu lugubre mister.

Os mestres, os professores da Escola, quasi todos apologistas de principios identicos, pasmados da pericia consumada do aluno em manejar o seu instrumento predileto, não cessavam de proclamar a sciencia precoce do rapaz e vêr nelle uma gloria por vir da cirurgia nacional.

\*  
\*  
\*

Ora, o moço estudante, apesar de viver em familia com os cadaveres, profanando-os quotidianamente em nome da sciencia, possuía, comtudo, uma alma sensível ás seducções do amor.

Assim é que em seu torrão natal se tinha apaixonado, aos dezeseite anos, por uma senhora pouco mais joven do que ele, formosa e inteligente, mas de extrema pobreza. Durante dous anos cultivára o prazer adoravel de uma afeição pura, doce e lealmente correspondida.

Num dos seus arrebatamentos de namorado, prometera á linda moça recebê-la um dia como esposa, não vendo nela a fortuna e a posição que não tinha, mas sómente a beleza do rosto, a graça encantadora das maneiras, a elegancia senhoril do porte, o fino ouro das madeixas, a pompa luxuriante de uma formosura helenica, e, sobretudo, a ternura do seu bem formado coração, que encerrava um tesouro de inextinguíveis delicias.

A formosa Madalena, a Madá, como Gustavo a tratava, sentia-se feliz com esse amor, cheio de esperanças nunca por ela sonhadas. Quando ouvia as palavras ardentes do noivo afagarem-lhe os ouvidos avidos de guardar as confissões de amor, toda ella tremia de inocente volupia; o coração pulsava-lhe mais celere, a alma lhe sorria contente. Era preciso apenas esperar, dizia comsigo. Gustavo iria estudar no Rio; iria formar-se em medicina, e depois voltaria para casar-se, e viver perpetuamente junto dela. Para este futuro, rendilhado por sonhos de inaudita felicidade, convergiam todos os seus ideaes de virgem, que amava e se sentia ternamente amada.



Mas Gustavo partiu e não voltou. Os amores fáceis e os estudos áridos a que se consagrou extinguiram no moço os ardores do adolescente.

Madá, ansiosa por tornar a vê-lo, veio-lhe á procura, acompanhada da sua velha mãe, alquebrada pelos anos e por longa enfermidade.

Ao chegar ao Rio, tentou improficuamente conhecer do destino que tomára o amado noivo. Nada soube e sofreu dolorosamente.

Ao mesmo tempo, a sua mãe morria, deixando-lhe já empolgada pelo flagelo tremendo que a miseria e os desgostos provocaram em ambas.

Tuberculosa e miserável, mas sempre pura, recolheu-se a um hospital, buscando ingenuamente alívio ás suas dores físicas, que para as moaes não tinha remedio.

Foi no catre abandonado de uma enfermaria dessas antecamaras das necropoles, que Madá exalou o ultimo alento.

\* \* \*

No dia seguinte ao da morte de Madá, annunciava-se com estrepitoso ruido, pelos corredores da Escola, a abertura de um curso livre de anatomia, professado pelo novo medico, Dr. Gustavo Rebouças, o mesmo Gustavinho dos bancos academicos, o aluno mais distinto da academia naquella disciplina, sobretudo notavel, celebre mesmo, pela sua pericia em dissecar.

A' hora marcada, penetrou no anfiteatro o esperado docente. Rodearam-no os alunos em numero consideravel, e atentos ouviam-lhe a erudita preleção.

Cuidando sempre da pratica anatomica, Gustavo falava diante de um cadaver ligeiramente

velado, que breve se propunha a retalhar, para melhor instruir os dicipulos sobre cada um dos pontos que minuciosamente explicava.

Deixando as divagações teoricas, propoz-se a fazer uma preparação. Descobriu o cadaver. Era o de uma virgem morta no verdor dos anos, vitima da tuberculose.

Gustavo, absorvido na sua brilhante lição, nem sequer reparou na identidade da infeliz que a indigencia arrastára ao grabato do hospital e lhe conduzira o cadaver para ser profanado no marmore sombrio de uma mesa de disseção.

Iniciou o trabalho. Tomou da pinça e do escalpelo e deu o primeiro golpe. Mas nisto, seus olhos encontrando-se por acaso com a fisionomia da morta, fixando-lhe o rosto descarnado, uma idéa horrorosa subito o assaltou. Empalideceu, deixou cair os instrumentos e desmaiou nos braços dos alunos.

Aquele rosto que ali estava enregelado e desfeito, aquele corpo devastado por uma magreza hedionda, aquellas madeixas douradas que a molestia e a morte não puderam deslustrar nem corromper, eram de alguém que ele tinha conhecido e amado. O que ali estava diante dele e de seus alunos, para servir de pasto á curiosidade de todos, como instrumento de estudo, como aparelho indispensavel á sua lição de anatomia, era o corpo inerte do seu primeiro amor, era o cadaver de Madá...

Rio, 22-11-907.

Oscar d'Alva.

